Saga da Piscicultura no Nordeste Brasileiro

Rui Simões de Menezes

A – Introdução

Dentre as valiosas edições do Instituto do Ceará destaca-se a da **História das Secas**, em 2 volumes – o 1°, de Joaquim Alves, indo até o século 19, inclusive; e o 2°, de Thomaz Pompeu Sobrinho, abarcando a primeira metade do século 20. Há, nessa obra, numerosas referências ao papel da pesca e da piscicultura no desenvolvimento do Nordeste Brasileiro. Outras referências constam no artigo de R.S. de Menezes, **O Peixe dos Açudes em Face das Secas** (1944, **A Voz do Mar**, Rio de Janeiro, v. 24, n° 196, p. 12).

RODOLFO THEOPHILO, na sua **História da Secca do Ceará 1877-1880)**, apresenta informações valiosas sobre o assunto (páginas 164-165, 418-19). A obra de Theophilo foi publicada em 1922, pela Imprensa Ingleza, Rio de Janeiro, e tem 440 páginas. Mais recentemente, Bezerra de Menezes (1947, **O Campo**, Rio de Janeiro, v. 18, n° 205, pp. 31-35; **Bol. Secr. Agric. Obras Públ.**, Fortaleza, v. 1, n° 1, pp. 64-77) demonstrou que o valor do pescado cobria o custo da construção dos açudes. Aliás, Phelippe Guerra já revelara que, no Rio Grande do Norte, no século 19, havia quem construisse açudes em propriedades agrícolas, sem ônus para o proprietário, desde que fosse assegurada, ao construtor do reservatório, a livre exploração da pesca, durante dez anos consecutivos. O brilhante deputado federal pelo Ceará, Antonio de Alencar Araripe, na sua obra **Doze Anos de Parlamento**, dá o merecido destaque ao valor econômico-social do pescado dos açudes nordestinos.

O Presidente Nilo Peçanha, através do Ministro da Viação, engenheiro Francisco Sá, criara, em 1909, a Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS), logo depois designada Inspectoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS). No regulamento da IFOCS já estava prevista a instalação de postos de piscicultura e o combate aos peixes nocivos – **verbi gratia**, Piranha e Pirampeba (**Serrasalmus**). Todavia, somente a partir de 1931, graças ao gênio do Dr. José Américo de Almeida, Ministro da Viação e Obras Públicas, foram dados os primeiros passos para essa instalação e esse combate. Por sugestão deste eminente homem público, o Sr. Interventor da Paraíba, Anthenor Navarro, convidava o Dr. Rodolpho von Ihering, destacado cientista brasileiro (do Instituto Biológico do Estado de S. Paulo), para estudar os peixes

daquele Estado, tendo em mira a implantação da piscicultura (detalhes figuram no livro de Ihering e Dora von Ihering Bonança, **Ciência e Belezas nos Sertões do Nordeste**, edit. DNOCS, 1983).

Em 1932, aproximava-se de Salvador (BA) um hidroavião. Iam nele três passageiros ilustres – Ministro José Américo de Almeida, Interventor Anthenor Navarro, Inspetor Federal de Obras Contra as Secas, engº Lima Campos. Ocorreu um acidente e apenas sobreviveu o ministro José Américo. E foi ele quem, em 28 de outubro daquele ano, telegrafou ao Dr. Rodolpho von Ihering, convidando-o para organizar e dirigir a Commissão Technica de Piscicultura do Nordeste Brasileiro. Quem era José Américo de Almeida?

Nascido em Areia, Paraíba, José Américo, já em 1923 se notabilizara, ao publicar seu famoso livro, **A Paraíba e Seus Problemas**. Poucos anos depois, em 1928, era publicada sua obra-prima, **A Bagaceira** (leia-se o prefácio de Tristão de Ataíde). Discorrendo sobre José Américo, informa H. S. de Menezes:

> *A Revolução de 1930 levou, ao Ministério da Viação e Obras Públicas, um dos maiores brasileiros de todos os tempos – JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA. Escritor consagrado, seus livros acarretaram uma revolução na literatura nacional; homem público, ocupou os postos de governador da Paraíba, ministro da Viação e Obras Públicas (nas primeiras metades das décadas de 1930 e 1950), senador, 1º Reitor da Universidade Federal da Paraíba. A biografia de José Américo de Almeida deverá ser escrita, com urgência, a fim de servir de modelo às novas gerações de brasileiros. Transcrevemos, a seguir, alguns pronunciamentos deste insigne brasileiro: (7.1) "Já Lucrécio dizia antigamente: – 'A causa principal de todos os vícios humanos, principalmente dos que fazem a infelicidade do século, é a ignorância. O homem não conhece a natureza nem a si próprio e os limites de sua existência. A inteligência tirará o homem de seus erros e vãos cuidados e lhe poupará esforços inúteis'". Surpreendeu-me, no livro* ***Post-Hitler Europe****, de H.W. Casson, este conceito: – Dois vastos territórios, o Brasil e a Sibéria, possuem fabulosas riquezas naturais e, apesar disso, a massa dos seus habitantes vive na ignorância e na mais profunda miséria. Entretanto, a Suiça e a Holanda, sendo desprovidas de recursos, têm uma população cultivada que vive confortavelmente. Em todos os países, a qualidade dos habitantes [illegible]is que as riquezas naturais. "O que falta ao homem brasileiro para atingir esse nível é, simplesmente, a capacidade de organizar, orientada pela técnica. Um povo esclarecido começa por saber escolher seus construtores, os responsáveis pela direção de seus problemas. Basta reivindicar a própria soberania que é o verdadeiro instrumento*

político e ter a consciência do voto nos momentos de salvação. Quanto mais nos espiritualizamos mais possuimos a verdade que tem como mais alta expressão o discernimento dos valores" (escrito em 1957); (7.2) "Há um remédio: organizar a pesca, comer peixe, pelo menos não precisa cercar o mar de arame. O mar é de todos e ainda dá para todos. Temos uma costa imensa sem transportes por água e sem pescado suficiente. São dois casos que se oferecem para uma pronta solução, se os tempos não mudarem" (escrito em 1957); (7.3) "O ensino universitário não poderá, todavia, ser um instrumento de repetição tabelioa, um lastro bolorento poupado pelas traças, a lídima vocação da cátedra tem que atualizar e aprimorar o saber, até, sendo possível, a formação do pensamento. Tem que seguir o desenvolvimento da matéria professada, relegando noções inúteis que obstruem a mente e identificando-se com as novas concepções da vida e do mundo. O professor não será o antigo sábio, o humanista, o enciclopedista que tira os pés do chão e fecha os olhos a tudo que lhe parece vulgar. E tem que ministrar conhecimentos sem a preocupação de dirigir. O raciocínio esclarecido é quem decide. Depois vem a pesquisa, vem a investigação científica procurar raízes, redescobrir, interpretar, com a sua função criadora, numa terra quase virgem. Esse trabalho vivo de ciência aplicada carreará novas aquisições. Sem prescindir da cultura que amplia e ornamenta, a visão do conjunto terá de concentrar-se em cada especialização" (escrito em 1963); (7.4) Muito antes da SUDENE, já concebia eu o problema do Nordeste com uma visão mais ampla do que o esquema do DNOCS, restrito às obras de engenharia e ao emprego da água acumulada. Reconhecia em 1933, no meu livro-relatório ***O Ministério da Viação no Governo Provisório****, depois de tratar dos planos específicos daquele setor: – "O desenvolvimento econômico da região será encargo de outros serviços públicos". "Mobilizam-se outros setores para dar maior amplitude a essa ação protetora. E o mundo inaugura uma campanha contra o subdesenvolvimento. O Nordeste começa a tomar conhecimento dos seus direitos; já não se conforma com uma posição marginal" (escrito em 1964); (7.5) "Getúlio Vargas disse aqui, em 1950: "Esse desejo de resolver o problema do Nordeste, prevalecendo sobre qualquer outro, foi um fator que me induziu a confiar a Pasta da Viação, onde sua personalidade se afirmou com relevo, ao Dr. José Américo de Almeida". E concluiu que a obra "realizada tinha sido providencial e, ao mesmo tempo, segura e metódica" (escrito em 1965); (7.6) "Quando deixei o Ministério da Viação, em 1934, Getúlio Vargas deu-me em carta o seguinte atestado: – "Vossa Exa., filho daquelas regiões antes desamparadas, que teve a fortuna de contribuir decisivamente para melhorar o sofrimento do sertanejo, pondo*

em prática, sábia e seguramente, o problema da utilização econômica das terras devastadas pela seca". (escrito em 1965).

Desde a década de 1910, e mesmo na década de 1900, o cientista brasileiro Rodolpho von Ihering vinha estudando os peixes fluviais do País, tendo em mira seu aproveitamento econômico através da Piscicultura. (Por falar em Alemanha, vale lembrar que Taine escreveu que toda cultura vinha da prática de Göethe; e que, até o início da década de 1940, a maioria dos Prêmios Nobel de Ciência fôra conferida a alemães). Como informamos, no início da década de 1930 estivera Ihering estudando as condições biológicas da Paraíba. José Américo de Almeida, com a sua visão inexcedível de estadista, reconheceu, em Ihering, a pessoa capaz de firmar as diretrizes científicas da exploração da Piscicultura Nordestina. Daí o seu telegrama de 28 outubro 1932, convidando-o para essa tarefa. Ihering aceitou o convite (o Instituto Biológico de São Paulo prontamente colocou o cientista gaúcho à disposição do Governo Federal), sendo ele nomeado chefe da Commissão Technica de Piscicultura do Nordeste, criada em 12 de novembro 1932. OBJETIVOS DA COMMISSÃO: – "PROMOVER O POVOAMENTO DAS ÁGUAS INTERNAS DO NORDESTE COM PEIXES DE BOA QUALIDADE, PROLÍFICOS E PRECOCES, E DEFENDER ESSA FAUNA CONTRA SEUS INIMIGOS E MOLÉSTIAS; METODIZAR AS PESCARIAS E DETERMINAR AS ÉPOCAS DE SUA REALIZAÇÃO; DIVULGAR OS PROCESSOS DE CONSERVAÇÃO DO PESCADO".

B – Período 1933-1937

As realizações deste período constam do pré-citado livro de Ihering & Bonança (edit. DNOCS, 1983). As publicações científicas correspondentes constam da monografia de R.S. de Menezes, O. Fontenele e H. Nepomuceno – **Lista de trabalhos sobre pesca continental e recursos da biomassa nordestina** (1982, edit. DNOCS).

Deve-se ao Prof. Melquiades Pinto Paiva um excelente artigo, "As investigações científicas e o aproveitamento de recursos pesqueiros dos açudes nordestinos" (1972, **Bol. Cear. Agron.**, v. 12, pp. 17-28). Nesse trabalho – síntese feliz das realizações da Commissão Technica de Piscicultura do Nordeste no período 1933-37 – há elementos preciosos, mediante os quais é possível aferir o valor da contribuição de Ihering e colaboradores, nacionais e estrangeiros, para a Ciência - **et pour cause** – para a orientação racional da Piscicultura nordestina. Outro trabalho, da mesma importância, é devido ao nosso pranteado colega, o cientista R. Adhemar Braga, intitulado "Pesca e Piscicultura Continentais no Nordeste do Brasil (resenha histórica)" (1972, **Bol.**

Cear. Agron., v. 13, pp. 57-67). Digno de menção, também, é o trabalho de Melquíades Pinto Paiva, "Considerações sobre a política de açudagem no Nordeste do Brasil" (1976, **Bol. Cear. Agron.**, v. 17, pp. 7-19).

O artig de R. von Ihering, "O peixe d'água doce e a piscicultura no Brasil" (1937 – **Observ. Econ. Financ.**, Rio, v. 20, pp. 59-71), ulteriormente reeditado, com acréscimos, em separado, como opúsculo, e intitulado **A Piscicultura no Brasil**, representa, com perfeição e numa feliz síntese, o labor da CTPN neste período – 1933-37. Merece ser relido e cotejado com os períodos subseqüentes, que iremos analisar, com a maior exatidão possível. Deve ser lido, atentamente, o retrocitado livro de Ihering & Bonança – **Ciência e Belezas dos Sertões Nordestinos.**

C – Período 1938-45

Em 1937, no bairro da Gentilândia (Fortaleza, CE), implantara R. v. Ihering a primeira Estação de Piscicultura no Nordeste Brasileiro (o Governo Paulista implantara, vários anos antes, uma Estação de Piscicultura em Pindamonhangaba, no Vale do Rio Paraíba do Sul; essa Estação, tanto quanto sabemos, jamais criara, antes de 1937, espécies ictiológicas nacionais, circunscrevendo-se ao cultivo da Carpa alienígena).

Ihering, Azevedo e outros do período 1933-37 foram os primeiros cientistas nacionais a comprovar a viabilidade da criação de peixes brasileiros. O Brasil possui três mil das espécies ictiológicas de água doce no mundo, assumindo o 1° lugar mundial e, também, o 1° lugar na área neotropical (cf. p. 25 da revista **A Lavoura**, Rio, março-abril 1992). (Fonte: J.A. McNeely et al, **Conserving the World's Biological Diversity**, edit. 1990).

No qüinqüênio 1933-37, foram peixados numerosos açudes em Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, no total de 54 mil alevinos. Em 1938, foram introduzidos em reservatórios nordestinos 109 mil alevinos – mais do dobro do qüinqüênio 1933-37.

No período aqui focado, retiraram-se para S. Paulo os biólogos Pedro de Azevedo (ele substituíra Ihering, o qual fora organizar no Sudeste e Sul do Brasil, o Serviço Nacional de Piscicultura, a convite do ministro da Agricultura, eng. agrônomo Fernando Costa, desde novembro 1937) e Benedito Borges Vieira.

O Interventor e Governador de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, atendendo à sugestão de Ihering, contratara o cientista germânico Otto Schubart, para implantar, cientificamente, a Piscicul-

tura nos famosos "viveiros" de água salobra (*brackishwater*). Infelizmente, em 1938, o Dr. Schubart foi demitido desse cargo, sendo imediatamente contratado pelo Min. Agricultura, no Serv. Nac. de Piscicultura, e localizado em Pirassununga (SP).

No ano de 1939, atrasou vários meses o pagamento dos servidores da CTP. Os biólogos remanescentes – Antonio Carlos Estevão de Oliveira, Osmar Fontenele, Rui Simões, Valdemar Carneiro de França, Pedro de Azevedo, Benedito Borges Vieira de Menezes –, razoavelmente remunerados (em 1992 ganham quatro salários mínimos, mas que percebiam, em 1939, mais de uma dezena de salários mínimos, pagavam as despesas dos funcionários de mais baixa categoria – motoristas, serventes.

Em 1942, para compensar, parcialmente, a perda dos biólogos paulistas Azevedo e Vieira, foi recrutado o médico-veterinário paraense, Emilio de Carvalho Camacho. Este último pediu exoneração da CTP em 1945.

Os peixamentos foram muito mais elevados, em cifras numéricas, a partir de 1939. E, nesse período, 1941-45, Osmar Fontenele, encarregado da Estação de Piscicultura de Lima Campos (Icó, CE), aumentara consideravelmente essa unidade, e se consagrara pelos trabalhos científicos realizados. Alguns agrônomos trabalharam, por pouco tempo, na CTP – Ary Gadelha de Alencar Araripe, Antonio de Albuquerque Maranhão, José Arlindo Gondim. Esquecemos de mencionar o biólogo Oceano Atlântico Linhares, que vinha trabalhando conosco desde 1937.

A partir de 1942, assumiu a Chefia da CTP o biólogo Antonio Carlos Estevão de Oliveira, o qual, em fins de 1945, foi exonerado, a pedido, sendo substituído pelo biólogo Valdemar Carneiro de França.

Em 1943-44, o biólogo Rui Simões de Menezes participou de diversos cursos e estágios no Sudeste – Museu Nacional, Estação de Piscicultura de Pirassununga (SP), Escola de Pesca Darcy Vargas e Escola de Pesca de Santos (SP) (onde participou de cruzeiro marítimo, destinado a investigar a ocorrência de ovos de sardinha, ao largo dos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro; e foi honrado com o convite do Dr. Pedro de Azevedo para trabalhar no serviço público paulista.

D – Período 1946-1950

Este foi o período do Governo Dutra, qualificado "como o mais corrupto da História do nosso País" (Embaixador Álvaro Lins). **Foi o mais desastroso dos períodos anteriores, no respeitante à SAGA DA PISCICULTURA NO NORDESTE BRASILEIRO.** No último mês de 1945, a

antiga IFOCS foi convertida em DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas; a antiga CTP em Serviço de Piscicultura (SP ou DIPIS – Diretoria de Pesca e Piscicultura do DNOCS). Nosso pessoal técnico ficou reduzido a três biólogos – Osmar Fontenele, Rui Simões de Menezes, Valdemar Carneiro de França (diretor do Serviço de Piscicultura, até 1952). Dados positivos do período: (i) R.S. de Menezes, a partir de 1944, empenhou-se no retorno das investigações atinentes à ictiofauna da Bacia do Parnaíba (ver o artigo daquele técnico, "Recursos pesqueiros do Rio Paraíba" (1973, **Rev. Tecn. DNOCS**, v. 31, nº 1, pp. 51-95); (ii) em decorrência dessas pesquisas de R.S. de Menezes, foi aclimada, no Nordeste, com êxito significativo, a Curvina do R. Parnaíba, doravante denominada Pescado do Piauí (já fora aclimada a Pescada cacunda do Amazonas), **Plagioscion squamosissimus**; (iii) o biólogo Osmar Fontenele, além de consolidar e ampliar a Estação de Piscicultura de Lima Campos, publicou excelentes trabalhos sobre o Pirarucu, **Arapaima gigas**, o qual se reproduzira em cativeiro, nos tanques projetados pelo biólogo Antonio Carlos Estevão de Oliveira; (iv) R. S. de Menezes, em 1944, comprovara a reprodução do Pirarucu no açude público "Riacho do Sangue", administrado pelo DNOCS (reportagem publicada no jornal **Gazeta de Notícias** – Fortaleza, edição); (v) uma economia insignificante e nociva foi a demissão de dois engenheiros-agrônomos, diaristas de obras (cujo único direito era não ter direito algum...) – claro que somente Dutra foi o responsável ou o seu ministro da Viação...; (vi) O. Fontenele projetou e construiu a Estação de Piscicultura de Amanari; (vii) foi recrutado, como diarista de obras, um dos maiores biólogos nacionais, Raimundo Adhemar Braga (falecido em 1974); (viii) foram recrutados, como diaristas de obras, em fins de 1950, os biólogos João de Oliveira Chacon e José Teixeira Peixoto, formados, como R. O. Braga, e Menezes e Fontenele, pela Escola de Agronomia do Ceará.

Assinalou o ano de 1940: (i) estágio de técnico no Museu Paraense Emilio Goeldi – Belém, Pará (Alba Maranhão e Ilhan Silveira), da Secr. Agric. Pernambuco, eng. agrônomo Hermano de Castro; da Secr. Agric. Estado do Rio de Janeiro (Naim Merched); da Div. Caça Pesca, Min. Agric. (médico-veterinário Ary José de Faria e Itamar ...); da Secr. Agric. S. Paulo (Alcibiades Marques); do Serv. Nac. Piscicultura, M. Agric. (Alcides Lourenço Gomes); (ii) o chefe da Com. Tech. Piscic. NE, médico Pedro de Azevedo, dirigiu ofício de louvor a R. S. de Menezes, pelo excelente desempenho deste biólogo, no respeitante à captura e transporte de peixes do Rio S. Francisco (foi igualmente elogiado o desempenho do naturalista José Salles de Oliveira).

Visitou as instalações da CTPN, em 1948, o eng. agrônomo Álvaro Aguirre, que viera até nós na qualidade de assessor do Plano SALTE;

ele foi acompanhado pelo biólogo R. S. de Menezes, o qual viajou com o Dr. Aguirre até o Recife. Ali, Menezes assessorou o Serviço de Piscicultura do Estado de Pernambuco (Secr. Agric.), dirigido pelo eng. agrônomo Aluisio Fragoso Costa. R. S. de Menezes percorreu diversos açudes particulares de Pernambuco, que haviam sido erroneamente peixados com Tucunaré (este, considerado o melhor peixe de água doce da América do Sul, por especialistas de USA). Aliás, especialistas de USA introduziram o Tucunaré, **Cichla**, no Lago Gatun (Panamá). C. Barry Cox e Peter D. Moore estudaram as conseqüências da introdução do Tucunaré neste Lago desprovido de Piranha e de Pirambeba, **Serrasalmus**, às pp. 85-87 e 103 do seu livro **Biogeography an Ecological and Evolutionary Approach** (fourth ed., 1985, Blackwell Sci. Publ.). Aliás, R. S. de Menezes demonstrou que o Camarão de água doce, nos açudes nordestinos, constitui o alimento predileto do Tucunaré (Menezes, R.S. de – 1950 – O tucunaré nos açudes do Nordeste do Brasil. **Chácaras e Quintais**, S. Paulo, v. 82, nº 06, p. 586).

R. S. de Menezes, havendo desempenhado sua missão junto à Secr. Agric. de Pernambuco, viajou com destino a Salvador (BA), ainda por via terrestre. Chegado à capital baiana, Menezes foi encaminhado ao Secretário de Agricultura Estadual pelo Sr. Eng. chefe do DNOCS nos Estados da Bahia e Sergipe. Informamos ao deputado federal Nestor Duarte, Secretário de Agricultura na Bahia, da quase falência do DNOCS, vítima do Governo Dutra (mais de quarenta vagas de engenheiro e cinco vagas de biólogo não preenchidas, encontrando-se o Serviço de Piscicultura reduzido a Osmar Fontenele, Valdemar Carneiro de França, R. S. de Menezes e Antonio Carlos Estevão de Oliveira). Informamos também que a chamada Piranha do Rio Paraguassu era, realmente, a Pirambeba, **Serrasalmus brandti**, muito menos voraz e agressiva do que a Piranha do Rio S. Francisco, **S. piraya**. Informamos ao Dr. Nestor Duarte que, dentro de poucos meses, o Serviço de Piscicultura do DNOCS introduziria o Tucunaré na represa de "Bananeiras", no Rio Paraguassu (o eng. Gastão Pedreira, gerente da Cia. Circular, administradora do reservatório, entusiasta da Piscicultura, foi de ação decisiva, no tocante a este assunto). Anos depois, o Dr. Nestor Duarte nos honrava com um telegrama, entusiasmado com a captura, no Rio Paraguassu, de um Tucunaré de sete quilos e oitocentos gramas (veja-se R. S. de Menezes – 1952 – **Caça e Pesca**, v. 12, nº 136, pp. 21-22; **Seleções Agrícolas**, v. 7, nº 79, pp. 11-12; **Rev. Comércio**, Fortaleza, v. 4, nº 28, p. 20; **Informação Agrícola**, Min. Agricultura, Rio, v. 9, nº 111, p. ?).

Durante palestra de R. S. de Menezes na Assoc. Bahiana de Agronomia (julho 1948), foi este técnico informado da introdução do peixe exótico Carpa no interior baiano. Daí surgiu a monografia de Mene-

zes, **A Carpa: Peixe-Flagelo que deve e precisa ser combatido**. Todavia, já em 1992 verificou-se que este peixe exótico, em ambientes naturais, é dizimado pela ação da Traíra, **Hoplias malabaricus**, Piabas, **Astyanax**, Jacundá, ou Piau-sabão, **Crenicichla**, Piranha e Pirambeba. Os famosos húngaros, na sua lucrativa "exploração" da Piscicultura nordestina (década de 1980), "aconselharam" o peixamento de nossos açudes com peixes pequenos (alevinos), embora tais alevinos tenham servido apenas para engordar os peixes nativos e o Tucunaré... mas engordaram também as contas dos "sapientes" húngaros... Aliás, na Europa Ocidental, quando se quer detratar alguém, basta chamá-lo de "húngaro" – não esquecer que foi um "húngaro", importado no Governo Dutra, o autor do livro de cabeceira do Sr. P. C. Farias, **Brasil para principiantes**. Os biólogos da Piscicultura Nordestina, desde a década de 1930, só recomendam peixamento com alevinos de oito centímetros. Os "honestos" húngaros enriqueceram com a basbaquice dos "inteligentes" brasileiros que só dão valor a quem tenha nome de gringo... Bem dizia aquele famoso autor: – "A única coisa que me dá idéia do infinito é o tamanho da estupidez humana...".